



# ACHADOS CÉRVICO-VAGINAIS DE MULHERES SOROPOSITIVAS ATENDIDAS NA CONSULTA DE ENFERMAGEM

*Cervical-vaginal findings of hiv positive women attended at the nursing consultation*

Arison Cristian de Paula Silva<sup>1</sup>  
Érika Andrade e Silva<sup>2</sup>  
Alanna Fernandes Paraíso<sup>3</sup>  
Carla Cardi Nepomuceno de Paiva<sup>4</sup>  
Milena Limp Mourão Ruffo<sup>5</sup>  
Zuleyce Maria Lessa Pacheco<sup>6</sup>

## Resumo

**Objetivo:** Descrever as principais alterações citológicas e infecções encontradas nas amostras de esfregaços cervicovaginais de mulheres que, atendidas na consulta de enfermagem de um serviço de atenção especializada, em um município da Zona da Mata Mineira. **Método:** Estudo observacional, descritivo e retrospectivo. Os dados foram coletados dos prontuários de mulheres que convivem com o HIV e foram atendidas na consulta de enfermagem disponibilizada por meio de um projeto de extensão universitária, no período de setembro de

<sup>1</sup>Enfermeiro. Residente de Enfermagem em Nefrologia – Hospital Pedro Ernesto (HUPE), Universidade do Estado do Rio de Janeiro, RJ - Brasil. arisoncristianjf@hotmail.com <https://orcid.org/0000-0001-6911-5496>

<sup>2</sup>Doutora em Enfermagem. Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Departamento de Enfermagem Materno Infantil e Saúde Pública da Faculdade de Enfermagem. Juiz de Fora, MG - Brasil. erikandradesilva@gmail.com <https://orcid.org/0000-0002-5752-7829>

<sup>3</sup>Doutora em Enfermagem. Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Departamento de Enfermagem Materno Infantil e Saúde Pública da Faculdade de Enfermagem. Juiz de Fora, MG - Brasil. lana.paraíso@gmail.com <https://orcid.org/0000-0001-7400-140X>

<sup>4</sup>Doutora em Saúde Coletiva pelo Instituto de Medicina Social Hesio Cordeiro da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IMS/UERJ). Juiz de Fora, MG - Brasil. carlacardiufjf@gmail.com <https://orcid.org/0000-0001-6899-3262>

<sup>5</sup>Acadêmica de Enfermagem. Bolsista de Extensão e Pesquisa da Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Juiz de Fora, MG - Brasil. milenaruffo.ufjf@gmail.com <https://orcid.org/0000-0002-3376-5873>

<sup>6</sup>Doutora em Enfermagem. Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Departamento de Enfermagem Materno Infantil e Saúde Pública da Faculdade de Enfermagem. Juiz de Fora, MG-Brasil. zuleyce.lessa@ufjf.edu.br. <https://orcid.org/0000-0002-9409-8971>

Recebido em	Aceito em	Publicado em
30/11/2021	07/02/2022	11/03/2022

2016 e dezembro de 2018. Para a análise dos dados, contou-se com o auxílio do programa *Statistical Package for Social Sciences*, versão 24.0. **Resultados:** Dos 121 prontuários, 69,4% eram de mulheres que se autodeclararam pretas ou pardas; 39,7% possuíam o ensino fundamental incompleto, 51,2% eram solteiras e 34,7% relataram não ter parceiro sexual. Com relação aos principais achados citopatológicos, 56,2% estavam dentro dos limites da normalidade no material examinado, 2,5% apresentavam lesão intraepitelial de baixo grau e 1,7% lesão intraepitelial de alto grau. **Conclusão:** A predominância de mulheres jovens pretas ou pardas que, que não possuem parceiros e com baixo nível de escolaridade reitera a necessidade de fortalecer o atendimento integral, humanizado e equânime para minimizar a vulnerabilidade enfrentada por essa população.

**Palavras-chave:** Consulta de enfermagem; Mulher; HIV; Cuidado preventivo.

#### **Abstract**

**Objective:** Describe the profile and the main cytological atypia and infections found in cervical-vaginal smears of women living with HIV, attended nursing consultations in specialized care, offered through a university extension project developed in a municipality in the forest region of Minas Gerais. **Method:** Descriptive and retrospective observational study based on data collection from medical records of women living with HIV who attended the nursing consultation between September 2016 and December 2018. Data analysis if was realized using the *Statistical Package for Social Sciences* program, version 24.0. **Results:** Of the 121 medical records, 69.4% of the women declared themselves black or brown; 39.7% had an incomplete elementary school, 51.2% had no husband; 34.7% reported not having a sexual partner. Regarding the main cytopathological findings, 56.2% within normal limits in the material examined, 2.5% Low-grade Intraepithelial Lesion, 1.7% High-grade Lesion. **Conclusion:** The predominance of young black or brown women living with HIV, who do not have partners and with a low level of education, suggests the need to strengthen comprehensive, humane, and equitable care to minimize the vulnerability faced by this population.

**Keywords:** Office Nursing; Woman; HIV; Care preventive.

---

## INTRODUÇÃO

O Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV) e a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS) são um problema de saúde pública desde a década de 1980, quando foram descobertos. Nesse período, a pandemia da AIDS passou por transformações epidemiológicas, incluindo desigualdades sociais, culturais, biológicas e de gênero<sup>1-4</sup>.

No Brasil, entre janeiro de 2000 e junho de 2020, foram notificadas 134.328 gestantes infectadas com HIV, 8.312 delas apenas no ano de 2019, com taxa de detecção de 2,8/mil nascidos vivos. Entre as mulheres, 36,6% eram brancas e 54,3% negras (pretas, 12,9% e pardas, 41,4%). Do total de casos registrados, 51,6% foram decorrentes de exposição homossexual ou bissexual, 31,3% de exposição heterossexual e 1,9% se deram entre usuárias de drogas injetáveis<sup>5</sup>.

Mais de 80% dos casos de transmissão do HIV em mulheres acontece via relação sexual e 86,6% se inserem na categoria de exposição heterossexual<sup>5</sup>. Estudos confirmam que as mulheres ainda enfrentam dificuldades na negociação do uso de preservativos com seus parceiros, de modo que algumas vezes abdicam da própria proteção e optam por aceitar o arbítrio dos parceiros, assim negligenciando o risco da infecção<sup>2-3</sup>. Ademais, embora o preservativo feminino tenha sido incorporado nos serviços de saúde desde o ano 2000, sua distribuição não acompanhou o previsto em grandes campanhas de orientação sobre o seu uso, de forma que seu acesso ainda é limitado quando comparado ao preservativo masculino.

A população feminina que convive com o HIV possui menor acesso a bens materiais e encontra limitações para o exercício dos direitos sexuais e reprodutivos, sobretudo aquelas pertencentes às camadas populares<sup>6</sup>. Desse modo, na atenção a mulheres soropositivas, faz-se necessário considerar suas condições de vida, redes de apoio, experiências de discriminação, desigualdades de gênero, desejos e práticas sexuais e preventivas.

A fragilidade da autonomia para o exercício dos direitos sexuais e reprodutivos e o impacto da condição de vulnerabilidade social na saúde das mulheres que convivem com HIV (MVHIV) as tornam biologicamente mais suscetíveis a adquirir outras Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST). Segundo dados do Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/AIDS, devido à imunossupressão, as MVHIV são mais propensas a desenvolver infecção pelo HPV, bem como lesões tumorais e verrugas genitais e lesões pré-invasivas de câncer do

colo do útero. Estas, quando não tratadas, aumentam em cinco vezes o risco de desenvolver o câncer invasivo<sup>8</sup>. No Brasil, as ações de controle do câncer do colo do útero tiveram início na década de 1940, sendo o exame citopatológico a estratégia adotada pelo Ministério da Saúde para detecção e rastreamento do câncer do colo do útero e de suas lesões<sup>7</sup>.

A prevalência de lesões precursoras de câncer do colo de útero por HPV em mulheres soropositivas ao HIV com contagem de linfócitos CD4+ <200 células/mm<sup>3</sup> foi três vezes maior na comparação com mulheres soronegativas para o HIV<sup>9-10</sup>. Revisão sistemática anterior desenvolvida no Brasil identificou prevalência de HPV de 6% na população saudável e uma prevalência mais alta (38,5%) em grupos de alto risco<sup>10</sup>.

Desse modo, a recomendação é que as MVHIV realizem o exame citopatológico, semestralmente, e consultas anuais após duas citologias semestrais normais; em mulheres com linfócitos CD4+ abaixo de 200 células/mm<sup>3</sup>, a citologia deve ser realizada e encaminhada para realização da colposcopia<sup>7</sup>.

Cabe destacar que o exame citopatológico consiste na coleta de material do colo uterino para exame em laboratório, caracterizando-se como um procedimento simples e indolor. Esse exame pode ser realizado pelo enfermeiro durante a consulta de enfermagem<sup>9</sup>. No contexto do serviço de atenção especializada, tal consulta integra um projeto de extensão universitária da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Juiz de Fora, denominado Projeto Semente: Acolhendo e ressignificando o atendimento a saúde das mulheres reagentes ao HIV, vinculado à prática da disciplina Enfermagem em Saúde da Mulher e implementado desde o ano de 2016, cujo objetivo transcende a proposta de coleta do material cervical, uma vez que o acolhimento e a integralidade do cuidado são princípios norteadores do atendimento à MVHIV neste cenário.

Diante do exposto e da influência dos fatores condicionantes da vulnerabilidade da MVHIV, este estudo tem como objetivo descrever o perfil e as principais atipias citológicas e infecções encontradas nos esfregaços cervicovaginais de mulheres que convivem com HIV. Espera-se que esse conhecimento subsidie a implementação das políticas públicas para saúde das mulheres que convivem com HIV, em prol do fortalecimento das ações de prevenção de doenças e promoção da saúde. Dessa forma, vislumbra-se assegurar uma assistência mais

equitativa, integral e humanizada a essas mulheres, o que favorecerá a qualidade de vida e a redução da discriminação nos serviços de saúde.

## **MATERIAL E MÉTODOS**

Trata-se de um estudo observacional descritivo, retrospectivo, de corte transversal, desenvolvido com base na análise dos dados disponíveis na Ficha Clínica da Mulher nos prontuários de mulheres que convivem com HIV, atendidas na consulta de enfermagem à mulher para rastreamento do câncer de colo de útero e de mama oferecida no Serviço de Assistência Especializada (SAE) do Departamento de Doenças Sexualmente Transmissíveis/AIDS e Hepatites Virais, situado em um município Zona da Mata Mineira.

Esse serviço realiza, em média, 100 atendimentos por dia e possui 3200 pessoas que convivem com o HIV em tratamento. As consultas de enfermagem à mulher para rastreamento do câncer de colo de útero e de mama são ofertadas em dois dias da semana por docentes da disciplina Enfermagem em Saúde da Mulher da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Juiz de Fora que acompanham no cenário do estudo a prática junto aos discentes matriculados na referida disciplina.

Utilizou-se a amostra por conveniência<sup>10</sup>, tendo em vista os seguintes critérios de inclusão: prontuários de mulheres que convivem com HIV, com idade igual ou superior a 18 anos, atendidas na referida consulta de enfermagem à mulher, no período de setembro de 2016 a dezembro de 2018. Foram excluídos: prontuários cujos registros não estavam devidamente preenchidos, pertenciam a mulheres já falecidas ou que, após três tentativas de procura do prontuário, o mesmo não foi encontrado. Para esta pesquisa foram selecionados, inicialmente, 160 prontuários, destes, somente 121 atenderam aos critérios de inclusão, sendo 39 prontuários excluídos por não atenderem os critérios estabelecidos.

A coleta de dados foi realizada por meio de um formulário elaborado e preenchido pelos pesquisadores. Os dados foram coletados da Ficha Clínica da Mulher, elaborada pela pesquisadora idealizadora do Projeto Semente e utilizada na consulta de enfermagem à mulher. Esta Ficha é anexada no prontuário da mulher atendida neste serviço. O instrumento de coleta de dados contemplou as seguintes variáveis: demográficas (faixa etária); sociais (escolaridade, estado civil, religião, ocupação); e biológicas (taxa de CD4+ e carga viral) relacionadas com a

história sexual e reprodutiva (número de parceiros sexuais, início da atividade sexual, métodos anticoncepcionais e métodos de proteção a IST). No caso dos prontuários com mais de uma Ficha Clínica de registro de atendimento ginecológico, reitera-se que foram coletadas e analisadas apenas as informações mais recentes.

Os dados obtidos foram submetidos a uma análise estatística descritiva simples com auxílio do programa *Statistical Package for Social Sciences* (SPSS), versão 24. A discussão crítica e reflexiva dos resultados fundamentou-se na literatura disponível sobre o tema.

Este estudo é um recorte do projeto de pesquisa integrado intitulado *Projeto Semente: Acolhendo e ressignificando o atendimento à saúde das mulheres que convivem com HIV*, o qual, por sua vez, se desdobra neste e em outros (sub)projetos. Esclarece-se que o macroprojeto foi aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal de Juiz de Fora, sob parecer nº 2.879.732, seguindo, portanto, todos os preceitos éticos e legais, conforme legislação vigente.

## **RESULTADOS**

Foram analisados prontuários de 121 MVHIV, atendidas e avaliadas em consulta de enfermagem à mulher e submetidas ao exame de prevenção do câncer de colo útero.

Do total de mulheres, 86,8% se encontravam na faixa etária de 30 a 59 anos. Autodeclararam-se pretas 35,5% e 33,9% pardas. Possuíam ensino fundamental incompleto 39,7%.

Com relação à situação conjugal, foram identificadas as seguintes proporções: 51,2% solteiras e 21,5% casadas. Professavam fé na religião católica 49,6% das mulheres.

Sobre a situação no mercado de trabalho, 49,6% possuíam vínculos empregatícios, 28,1% estavam desempregadas e 17,4% aposentadas.

Em relação aos antecedentes sexuais, identificou-se um total de 53,7% que iniciaram a vida sexual entre 16 e 29 anos, seguido de 37,2% entre 0 e 15 anos. Destaca-se que essa informação não estava disponível em 9,1% dos prontuários.

Quanto ao número de parceiros atuais, foram obtidos os seguintes resultados: 52,9% um parceiro; 34,7% sem parceiro sexual; 2,5% com um a dois parceiros; 3,4% com mais de três parceiros; e em 6,6% dos prontuários essa informação não estava disponível.

Quanto ao uso de preservativos para evitar IST, 66,9% das fichas descreviam o uso de tal método, 29,8% continham a informação de não ser utilizado preservativo para proteção de outras IST e em 3,3% dos prontuários essa informação estava ausente.

Quanto ao uso dos antirretrovirais (ARVs), taxa de CD4+ e carga viral, foi possível visualizar 97,5% de aderência ao tratamento medicamentoso. Ao observar a taxa de LT CD4+ (n=121), 92,6% estavam com valores acima de 200 células/mm<sup>3</sup> e 1,7% com valores abaixo de 200 células/mm<sup>3</sup>. Apresentaram taxa de carga viral indetectável 77,7% das mulheres. Já o resultado do exame de 20,7% indicou carga viral acima de 50 cópias/ml.

Com relação aos principais achados citopatológicos, obteve-se o percentual de 56,2% dentro dos limites da normalidade no material examinado, seguido de 27,3% constatando *Gardnerella*, 6,6% *Trichomonas vaginalis*, 4,1% *Candida sp*, 2,5% lesão intraepitelial de baixo grau, 1,7% lesão intraepitelial de alto grau, 0,8% colpíte e 0,8% com resultados de amostra insatisfatória.

## DISCUSSÃO

Em relação à caracterização das participantes, obteve-se predomínio de mulheres que se autodeclararam negras, o que dialoga com os resultados de outra pesquisa que investigou a vulnerabilidade na mulher negra. Tal estudo, realizado no estado de São Paulo, analisou e calculou o risco relativo, isto é, o risco de ocorrência de um determinado evento para uma determinada população, comparando-a à outra. Os resultados mostraram que o risco de ter AIDS em mulheres negras e pardas era 40% maior quando comparadas às mulheres brancas, evidenciando, portanto, que possuem maior risco de serem infectadas pelo HIV. Ainda nesse estudo, foi identificado que as mulheres com AIDS apresentam, de forma global, escolaridade menor do que os homens<sup>11</sup>.

Pesquisa concluiu que a maioria das participantes (52%) com HIV não tinha finalizado o ensino fundamental<sup>12</sup>. O nível de instrução de pessoas com HIV/AIDS é menor se comparado ao da população soronegativa<sup>13-14</sup>.

Dados sobre empregabilidade de MVHIV indicam que o estigma e a falta de oportunidades são uma realidade na vida destas mulheres. Pesquisa realizada com 85 mulheres soropositivas identificou que mais de 50% delas não tinham vínculo empregatício caracterizando-se como aposentadas, pensionistas ou desempregadas<sup>15</sup>.

A prevalência de mulheres solteiras que convivem com HIV também foi identificada em outra pesquisa, chegando a 41,7% da amostra<sup>12</sup>. Resultado semelhante foi encontrado no estudo em tela, que caracterizou suas participantes predominantemente como solteiras. As fragilidades dos vínculos amorosos refletem ainda mais o estigma social de preconceito, uma vez que o diagnóstico de HIV na população feminina ainda é equivocadamente vinculado à promiscuidade.

Ademais, não se observou neste estudo grande diferença entre a idade de início da atividade sexual de mulheres que convivem com HIV em relação ao descrito na literatura. Na literatura científica, o início da atividade sexual entre a população feminina diagnosticada com o HIV varia entre 11 e 17 anos<sup>16-19</sup>, o que corrobora os achados em tela.

Salienta-se que o início precoce da atividade sexual sem o uso de preservativo e de outros métodos para prevenção de gravidez não planejada é algo preocupante, em decorrência da imaturidade dos tecidos que constituem os órgãos genitais. Este, aliás, é um fator que pode propiciar o contato com HPV e, conseqüentemente, aumentar a probabilidade de lesões por câncer de colo do útero<sup>11,16-17</sup>.

Adicionalmente, é preciso ressaltar as inúmeras barreiras institucionais de discriminação e estigmas ainda enfrentadas por essas mulheres que convivem com HIV no que diz respeito ao acesso a serviços de saúde sexual e reprodutiva. Na América Latina, ainda persistem necessidades contraceptivas não atendidas, gravidezes não planejadas, alto índice de abortos induzidos, maior risco de esterilização no pós-parto imediato e maior exposição às violências doméstica, sexual e institucional, como mostram os resultados de uma revisão sistemática sobre estudos realizados com MVHIV<sup>20</sup>.

Considerando os desafios impostos pela realidade do país, o Ministério da Saúde, em março de 2021, ampliou a faixa etária da vacina HPV para mulheres com imunossupressão até 45 anos, com a administração de três doses (intervalos de 0, 2 e 6 meses), tendo em vista que essas pessoas estão mais expostas às complicações decorrentes da infecção pelo HPV com



maior risco de desfechos negativos<sup>21</sup>. Contudo, deve ser orientado às mulheres que a imunização não elimina a necessidade da utilização do preservativo nas relações sexuais, tampouco diminui a relevância do exame citopatológico no contexto da prevenção do câncer do colo do útero, visto que a prevalência de HPV cervical no Brasil é maior do que em outros países em desenvolvimento<sup>22</sup>.

Em estudo sobre o uso do preservativo com 228 usuários atendidos em dois serviços de atenção especializada em São Paulo identificou-se que 28,7% da amostra não faziam uso regular do preservativo, notando-se maior adesão entre os homens do que entre as mulheres<sup>23</sup>. Nos registros das mulheres atendidas no SAE, cenário deste estudo, a adesão ao preservativo foi observada em 66,9% das fichas. Essa diferença de adesão entre homens e mulheres pode estar associada a uma maior facilidade e disponibilidade do preservativo masculino em detrimento do feminino<sup>24-25</sup>. Nesse sentido, destaca-se a importância de fornecer orientações sobre métodos contraceptivos e uso dos preservativos masculino e feminino no contexto das consultas de enfermagem às mulheres que convivem com HIV, para que tenham mais autonomia sexual e reprodutiva.

Estudo concluiu que as alterações nos resultados citopatológicos foram maiores nos indivíduos que não eram aderentes às medicações ARVs. Ademais, observou-se maior incidência de resultados positivos para lesões no colpocitológico entre mulheres com LT CD4+ <200 células/mm<sup>3</sup><sup>16</sup>. Já as participantes com taxa de LT CD4+ > 500 células/mm<sup>3</sup> e carga viral

Apesar do foco da consulta de enfermagem ser o rastreamento do câncer do colo do útero, foram identificados nos prontuários analisados neste estudo diagnósticos relacionados às IST, como *Gardnerella* e *Trichomonas vaginalis*, apesar de grande parte das mulheres informar o uso de preservativo. Logo, esse atendimento torna-se oportuno para detectar sinais e sintomas sugestivos de IST, mediante uma abordagem sindrômica, algo que viabiliza o acesso ao tratamento oportuno e o acompanhamento para a prevenção de agravos futuros.

Frequentemente, MVHIV estão infectadas com mais de um tipo de HPV, incluindo os de alto risco oncogênico. A coinfeção HIV-HPV também está relacionada a um maior número de desfechos desfavoráveis, pois, nesses casos, as lesões precursoras tendem a progredir rapidamente para o câncer cervical, algo que justifica a necessidade de ações mais efetivas de prevenção e rastreio nessa população<sup>26,27,28</sup>.

Neste estudo, foi observado o diagnóstico de lesão intraepitelial de baixo grau em 1,7% e, em menor porcentagem (0,8%), de lesão intraepitelial de alto grau. Outra pesquisa encontrou porcentagens mais altas: 7,1% de lesão intrapelial de baixo grau; 3,6% de lesão intraepitelial de Alto Grau; e 4,5% de atipias de significado indeterminado, o que representou uma taxa de 15,2% para positividade de resultados citopatológicos com lesões<sup>16</sup>.

Segundo dados do Instituto Nacional do Câncer, para cada ano do triênio 2020-2022, o número esperado de novos casos é de 16.590. Há risco estimado de 15,43 casos a cada 100 mil mulheres e, especificamente para as MVHIV, a taxa de incidência de câncer invasivo é de 26 por pessoas/ano, em comparação com 6 por 100 mil pessoas/ano em mulheres negativas para HIV<sup>26</sup>.

Este cenário reforça a importância da oferta e garantia de acesso das mulheres que convivem com o HIV ao exame citopatológico, tendo em vista suas necessidades de saúde e o direito constitucional que possuem de participar de ações de prevenção e promoção da saúde.

## CONCLUSÃO

Os achados deste estudo suscitam reflexões sobre as implicações das questões sociais no perfil das mulheres que convivem com HIV positivo e são atendidas no serviço de atenção especializada, de modo que possam ser acolhidas e amparadas em suas necessidades no âmbito da saúde e da comunidade. Assim como o HIV, o HPV, potencial causador do câncer de colo do útero, é uma doença alimentada por desigualdades sociais e de gênero.

Espera-se que a discussão suscitada nesta pesquisa possa favorecer o reconhecimento das lacunas em relação à atenção à saúde sexual destas mulheres, no sentido de minimizar o sofrimento e identificar a vulnerabilidade por elas enfrentada pelo fato do diagnóstico do HIV. Vislumbra-se, também, que os resultados possam subsidiar outras pesquisas que correlacionem os achados citopatológicos de lesões intraepiteliais escamosas de baixo e alto grau com o perfil clínico das mulheres que receberam tal diagnóstico e/ou com os resultados clínicos, sociais, perfil econômico e hábitos de vida.

Embora seja uma amostra limitada, que retrate a realidade somente de um SAE, é fato que tais achados demonstram a importância de uma consulta de enfermagem eficaz para prevenção e rastreamento do câncer de colo de útero, de forma a promover a prevenção de

lesões por HPV mediante o rastreamento e exame na população estudada. Trata-se de uma alternativa eficaz, capaz de contribuir diretamente para redução das taxas de mortalidade deste público.

## REFERÊNCIAS

1. FRANÇA, Luiz Carlos Moraes *et al.* A espiritualidade para pessoas que vivem com o HIV/Aids: uma análise da abordagem processual das representações sociais. *Research, Society and Development*, v. 9, n. 8, p. e443985903-e443985903, 2020. Disponível em: <https://www.rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/5903> Acesso em: 10 out.2021.
2. CHACHAM, Alessandra Sampaio; JAYME, Juliana Gonzaga. Violência de gênero, desigualdade social e sexualidade: as experiências de mulheres jovens em Belo Horizonte. *Civitas - Revista de Ciências Sociais*, [s.l.], v. 16, n. 1, p.1-19, 20 maio 2016. EDIPUCRS. Disponível em: [doi.org/10.15448/1984-7289.2016.1.21760](https://doi.org/10.15448/1984-7289.2016.1.21760). Acesso em: 10 out.2021.
3. ARRUDA, Sabrinna Fernanda Andrade et al. Desvelando o conhecimento de gestantes soropositivas acerca da transmissão vertical do HIV. *Revista de Enfermagem da Ufpe, Recife*, v. 3, n. 10, p.1441-1449, abr. 2016.
4. BRASIL. Ministério da Saúde. Boletim Epidemiológico HIV/AIDS [Internet]. Brasília; 2020 [INTERNET]. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/pt-br/pub/2020/boletim-epidemiologico-hivaids-2020>. Acesso em: 10 out.2021.
5. CARVALHO, Jamille Maria Rodrigues; MONTEIRO, Simone Souza. Visões e práticas de mulheres vivendo com HIV/aids sobre reprodução, sexualidade e direitos. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 37, n. 6, e00169720. 2020. Disponível em: [doi.org/10.1590/0102-311X00169720](https://doi.org/10.1590/0102-311X00169720). Acesso em: 10 out.2021.
6. BRASIL. Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva. Coordenação de Prevenção e Vigilância. Divisão de Detecção Precoce e Apoio à Organização de Rede. Diretrizes brasileiras para o rastreamento do câncer do colo do útero. – 2. ed. rev. atual. – Rio de Janeiro: INCA, 2016.
7. UNAIDS. HPV e HIV — dois vírus, uma resposta. Disponível em: <https://unaids.org.br/2018/10/hpv-hiv-dois-virus-uma-resposta/>. Acesso em: 10 out.2021.
8. BRASIL. Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva. Parâmetros técnicos para o rastreamento do câncer do colo do útero / Instituto Nacional de Câncer

---

José Alencar Gomes da Silva; Maria Beatriz Kneipp Dias; Caroline Madalena Ribeiro (organizadores). - Rio de Janeiro: Inca, 2019. 32 p.

9. COFEN. Resolução COFEN N° 381/2011. Publicado Portal do Cofen- Conselho Federal de Enfermagem, e no DOU n° 140, pág. 229-seção 1. Disponível em: <http://site.portalcofen.gov.br>. Acesso em: 10 out.2021.
10. FREITAG, Raquel Meister Ko. Amostras sociolinguísticas: probabilísticas ou por conveniência?. Revista de estudos da linguagem. v. 26, n. 2, p. 667-686, mar. 2018. ISSN 2237-2083. Disponível em: [doi.org/10.17851/2237-2083.26.2.667-686](https://doi.org/10.17851/2237-2083.26.2.667-686). Acesso em: 10 out.2021.
11. SANTOS, NailaJanilde Seabra. Mulher e negra: dupla vulnerabilidade às DST/HIV/aids. Saúde e Sociedade, [s.l.], v. 25, n. 3, p.602-618, set. 2016. Fap UNIFESP (SciELO). Disponível em: [doi.org/10.1590/s0104-129020162627](https://doi.org/10.1590/s0104-129020162627). Acesso em: 10 out.2021.
12. GONZAGA, Wigney Junior Carvalho et al. Adesão ao exame colpocitológico e comportamento de risco de mulheres portadoras de hiv HIV em relação ao câncer de colo uterino. Itinerarius Reflectionis, [s.l.], v. 14, n. 4, p.01-15, 5 dez. 2018. Universidade Federal de Goiás. Disponível em: [doi.org/10.5216/ir.v14i4.54956](https://doi.org/10.5216/ir.v14i4.54956). Acesso em: 10 out.2021.
13. TOMAZELLI, Jeane; CZERESNIA, Dina; BARCELLOS, Christovam. Distribuição dos casos de AIDS em mulheres no Rio de Janeiro, de 1982 a 1997: uma análise espacial. Cadernos de Saúde Pública, [s.l.], v. 19, n. 4, p.1049-1061, 2003.UNIFESP (SciELO). Disponível em: [doi.org/10.1590/s0102-311x2003000400027](https://doi.org/10.1590/s0102-311x2003000400027). Acesso em: 10 out.2021.
14. BORBA, KarolineBunn; SILVA, RosemeriMaurici. Perfil demográfico e socioeconômico das portadoras de HIV/AIDS do serviço de ginecologia e obstetrícia de um hospital universitário em Santa Catarina. Boletim do Curso de Medicina da Ufsc, Santa Catarina, v. 7, n. 4, p.2-7, 30 jun. 2018.
15. VILLELA, Wilza Vieira; BARBOSA, Regina Maria. Trajetórias de mulheres vivendo com HIV/aids no Brasil. Avanços e permanências da resposta à epidemia. Ciência & Saúde Coletiva, [s.l.], v. 22, n. 1, p.87-96, jan. 2017. Fap UNIFESP (SciELO). Disponível em: [doi.org/10.1590/1413-81232017221.14222016](https://doi.org/10.1590/1413-81232017221.14222016). Acesso em: 10 out.2021.

16. MAIA, Maria Conceição da Silva et al. Precursor lesions of cervical cancer in HIV-positive women and their relationship with CD4+ and viral load Gaffrée and Guinle University Hospital. *Revista Brasileira de Análises Clínicas*, [s.l.], v. 49, n. 1, p.65-69, 2017. *Revista Brasileira de Análises Clínicas*. Disponível em: [doi.org/10.21877/2448-3877.201600515](https://doi.org/10.21877/2448-3877.201600515). Acesso em: 10 out.2021.
17. MAGALHÃES, Rosilane de Lima Brito et al. Risk practices and immunization against hepatitis B among female sex workers. *Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste*, [s.l.], v. 17, n. 5, p.636-642, 30 nov. 2016. Disponível em: [doi.org/10.15253/2175-6783.2016000500008](https://doi.org/10.15253/2175-6783.2016000500008). Acesso em: 10 out.2021.
18. TAQUETTE, Stella Regina; SOUZA, Luciana Maria Borges da Matta. HIV-AIDS prevention in the conception of HIV-positive young people. *Rev Saúde Pública* [online]. v. 53, p.80, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/s1518-8787.2019053001174>. Acesso em: 16 nov. 2021.
19. FONTES, Miguel Barbosa *et al.* Fatores determinantes de conhecimentos, atitudes e práticas em DST/Aids e hepatites virais, entre jovens de 18 a 29 anos, no Brasil. *Ciênc. Saúde Colet.* v. 22, n.4, p. 1343-1352, Abr, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232017224.12852015>. Acesso em: 16 nov. 2021.
20. GÓMEZ-SUÁREZ M, MELLO MB, GONZALEZ MA, GHIDINELLI M, Pérez F. Access to sexual and reproductive health services for women living with HIV in Latin America and the Caribbean: systematic review of the literature. *J Int AIDS Soc* v.22, 25273.2019. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC6452919/>. Acesso em: 10 set. 2021.
21. BRASIL. Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Departamento de Vigilância das Doenças Transmissíveis, Coordenação-geral do Programa Nacional de Imunizações. Ampliação da faixa etária da vacina HPV para mulheres com imunossupressão até 45 anos. Ofício 203/2021.GPNI/DEIDT/SVS/MS. Brasília; 2021.
22. COLPANI V, SOARES Falcetta F, BACELO Bidinotto A, KOPS NL, FALAVIGNA M, et al. Prevalence of human papillomavirus (HPV) in Brazil: A systematic review and meta-analysis. *PLOS ONE* v.15,n.2: e0229154, 2020. Disponível em: [doi.org/10.1371/journal.pone.0229154](https://doi.org/10.1371/journal.pone.0229154). Acesso em: 10 out. 2021
23. REIS, Renata Karina; NEVES, Lis Aparecida de Souza; GIR, Elucir. O desejo de ter filhos e o planejamento familiar entre casais sorodiscordantes ao HIV. *Ciência, Cuidado e Saúde*, [s.l.], v. 12, n. 2, p.210-218, 26 set. 2013. Disponível em:

[http://www.revenf.bvs.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-38612013000200002](http://www.revenf.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-38612013000200002). Acesso em: 14 nov. 2021

24. NOGUEIRA, Francisco Jander de Sousa *et al.* Prevenção, risco e desejo: estudo acerca do não uso de preservativos. *Rev. bras. promoç. saúde*, Fortaleza, v. 31, n.1, p. 1-8, jan./mar., 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.5020/18061230.2018.6224>. Acesso em: 16 nov. 2021.
25. GUIMARÃES, Denise Alves *et al.* Dificuldades de utilização do preservativo masculino entre homens e mulheres: uma experiência de rodas de conversa. *Estud. psicol.*, Natal, v. 24, n. 1, p. 21-31 jan./mar., 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.22491/1678-4669.20190003>. Acesso em: 16 nov. 2021.
26. BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de vigilância em saúde. Boletim epidemiológico. Estratégias para acelerar a eliminação do câncer cervical em mulheres vivendo com HIV. v.52, n.18. Maio de 2021.
27. CARVALHO, Ana Zaiz Flores Hormain Teixeira. Estudo socioepidemiológico, clínico e de genotipagem do papilomavírus humano em mulheres com HIV/AIDS. 2016. Tese (doutorado) - Faculdade de Farmácia, Odontologia e Enfermagem, Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2016.
28. JUNIOR, Benito Pio Vitorio Ceccato *et al.* Prevalência de infecção cervical por papilomavírus humano e neoplasia intraepitelial cervical em mulheres HIV-positivas e negativas. *Rev. Bras. Ginecol. Obstet.*, v. 37, n. 4, p. 178-185, Abr, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/SO100-720320150005184>. Acesso em: 16 nov. 2021.